

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida a administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 12

BRAGA

SABBADO 15 DE ABRIL DE 1882

ALVITRES

A reorganisação do partido legitimista, a sua união, propendem a ser um facto.

Consumado elle, é necessario que não fique limitado o pensamento da força a uma questão meramente numerica.

Existir forte pelo numero e pela união, não é tudo ainda.

A força obtida pela união será esteril, se a acção não mantiver, ou antes, não desenvolver essa força.

Para isto, como para todas as obras da sensatez, é indispensavel o methodo.

E de todo o methodo, a prudencia que prevê e precata, é a base mais solida, e o meio mais seguro.

Se o partido legitimista tivesse o ponto de alvo unicamente no seu triumpho, seria a encarnação de um egoismo.

Victorioso, seria uma phase, mas não seria uma época.

Encontraria grandes males a remediar, sem uma nesga sequer de terreno solido, onde edificar; por que não teria a construir só para si, retemperado já no triumpho, mas para a patria, sequiosa de ordem e de dedicações.

O bem da patria não pôde começar pelo triumpho da legitimidade, assim como do edificio se não pôde começar pelas cunhas.

Quando o immortal João Pinto Ribeiro, em nome de Portugal opprimido pelo jugo de Castella offereceu ao primeiro Bragança a corôa d'estes reinos, antes de encontrar no magnanimo coração do primeiro dos restauradores a alegria por uma tal offerta, encontrou a reflexão da prudencia nas seguintes palavras: «*não busqueis as convenias antes de terdes a carne*».

D. João IV comprehendia que as grandes empresas, os grandes triumphos carecem de mais elementos para se manterem, do que para se obterem.

E comtudo n'esse momento, o coração da

patria era só um no amor da independencia, no desejo de salvação; e as extremas decisões do patriotismo chegariam até ao sacrificio se necessario fosse, por que tinham como farol a dignidade de um povo, nunca olvidada nem enfraquecida.

Preparemos pois o futuro para que a semente que temos de lançar á terra produza o fructo mais perfeito. Todo o sacrificio seria aliás abafado pela aridez de um campo cançado, inculto e abandonado.

Por mais que trabalhemos, como é dever nosso, já não é para nossa idade ver frondosa e fructifera a arvore que plantamos.

E para os nossos filhos o nosso trabalho de hoje. Se por este simples facto elle é sancto, pela mesma razão deve ser reflectido.

O maior elemento que a revolução encontrou para progredir na sua missão destruidora, foi a educação desde a infancia.

A não ser assim, não teria ella subsistido em meio de uma sociedade que a odiava e repellia.

Foi portanto a revolução, depois de meditar, corromper o coração das mães, para que ao espirito da infancia faltasse o alimento salutar desde o primeiro leite.

Obtido este fim, apossou-se da juventude, e atirou-lhe com mestres feitos de molde para lhe perverter a alma.

Fechou as portas aos templos, e abriu as portas aos lupanares. A revolução é devassa, carece, para viver, da devassidão largamente dynamizada, como uma droga, que pela maior liberdade molecular multiplica mais a sua acção. Deram-lhe tempo, creou uma sociedade para si.

Para combater a hydra, carecemos usar do systema dos *similes*. Educar uma sociedade nossa.

Antes de a termos, poderemos triumphar pela força do numero, da união e do direito, mas não teremos vencido ainda, como a revolução não julgou ter vencido antes que se fortalecesse no coração de uma geração propriamente sua.

Não montamos *ainda* canhões para varreremos com metralha a enxurrada revolucionaria; temos porém outras armas não menos poderosas: é o amor de Deus e da

patria, podemos e devemos inspirar, aos que teem de ser os homens de amanhã.

E se quereis o amor de Deus, pedi-o ao amor das mães; se quereis o amor da patria, pedi-o ao amor da honra.

É pois evidente que não é possivel encontrar nem um nem outro affecto no abandono das familias pela educação religiosa dos filhos, nem nas escolas libertinas, creadas para a revolução pela revolução; escolas onde se fabricam impios e monstros, e d'onde nunca podem sair puros catholicos e legitimistas.

Para nos combaterem, cria a revolução escolas de livres pensadores, nas quaes nos arrebatam nossos filhos. Para combatermos a revolução, ensina-nos a razão natural, que devemos buscar, preferir, crear escolas de christãos, para arrebatarmos christãos das garras do materialismo e da devassidão.

Devemos principiar por aqui. Temos felizmente ainda os seminarios, temos collegios dirigidos por homens de sã moral e de crencas catholicas; não temos necessidade de ir pedir veneno ás escolas revolucionarias, quando ha para illustrar nossos filhos o ensino de todas as sciencias nas escolas catholicas.

Haverá quem diga, e dirá bem, que nem todas as familias legitimistas podem enviar seus filhos a collegios catholicos e seminarios, pela falta de recursos.

É certo ser este o principal motivo por que as escolas publicas são frequentadas por tão avultado numero de filhos de familias legitimistas.

Ha porém um meio de prover de remedio a este mal, e folgaremos que o *Centro legitimista do Minho*, prestes a inaugurar os seus trabalhos, tenha em consideração, entre os assumptos de que terá a occupar-se, o alvitre de crear na sua caixa, uma verba de soccorros, destinada a proteger, na proporção das forças do *Centro*, a educação dos filhos de familias legitimistas indigentes, ou seja nas escolas catholicas já estabelecidas, ou em outras creadas para esse fim a expensas do *Centro*.

A missão de um centro politico não pôde circumscrever-se a promover manifestações politicas. Existem deveres de outra ordem moral que não é licito serem esquecidos, e

que são uma garantia da vida de um partido.

Em quanto se não poder fazer muito, faça-se pouco, mas institua-se, com o *Centro*, coisas que exprimam que sabemos cumprir o nosso dever, em toda a sua extensão, e que procedemos com o melhor bom senso.

Ha espectaculos tristes, que envergonham um partido. É dever protestar contra elles; e o melhor modo de o fazer, é vital-os.

Ao partido legitimista cumpre não esquecer que muitos filhos queridos da nossa causa, alli estão abandonados, entregues a todas as vicissitudes ainda as mais rigorosas da adversidade, em quanto seus paes, homens de honra, homens bem nascidos, officiaes ou soldados do exercito realista, ali vagueiam nas ciladas, cobertos de andrajos, pedindo esmola pelas ruas, até altas horas da noite; outros dormindo ao relento sobre os bancos dos passeios, sem uma mão caridosa que se lhes estenda sobre a cabeça, branca dos annos e das neves.

Esses homens teriam a abundancia para si e para suas familias, se não houvessem preferido a miseria á deshonra, e se, quaes outros, tivessem transigido com a revolução pelo simples interesse do estomago e dos regalos da vida.

O partido legitimista tem urgencia de olhar por isto. É uma questão de moralidade, na qual se prendem muitos dos seus interesses presentes e futuros.

Lembramos esta necessidade. O *Centro legitimista do Minho*, creado para coisas uteis, não olvidará por certo, que socialmente fallando, nada ha mais util do que o cumprimento de todos os deveres.

RELIGIÃO

O CENTENARIO DO MAAQUEZ DE POMBAL

A época é de syndicatos e de centenarios, tanto no paiz, como fóra d'elle.

Os syndicatos são o dinheiro, o ouro organizado em associação para dirigir e governar a sociedade, explorando-a em seu proveito.

que era aquelle o unico modo de poupar o sangue christão. D. Afonso vira com espanto levantar-se repentinamente o cerco, sem que o seu braço se tivesse ainda levantado, mas que irritado ficara todo quando de D. Egas soube o motivo, sendo esta a primeira vez que o repellira, e não consentindo em uma promessa tão indigna de sua Pessoa, quando injuriosa para o seu Estado: que D. Egas por fim o socegara dizendo-lhe—que assim como dera aquelle passo tão necessario para a salvação da Patria outro daria que o livrasse da afronta e deshonra. E chegado o tempo em que, conforme a palavra dada, D. Afonso devia apresentar-se nas Cortes de Leão, D. Egas Moniz com sua mulher, e filhos se pozera a caminho para Toledo, e se apresentara com elles ao Rei de Leão, indo todos vestidos com os horrosos trajes de reus sentenciados, descalços, e com baraos ao pescoço, para que n'elle e em toda a sua familia o Rei castigasse a falta de cumprimento da promessa feita, pois era aquelle o unico preito que podia esperar, mas nunca vassalagem de D. Afonso Henriques, nem de Portugal.—

Vendo Egas que ficava fementido (O que d'elle Castella não cuidava) Determina de dar a doce vida A troço da palavra mal cumprida.

(Continúa)

(Cam. Lus. Cant. 3.º Est. 37.)

FOLHETIM

BIOGRAPHIA

DE

D. EGAS MONIZ

(Continuado do n.º 11)

Tanto que D. Egas, pois, feve este novo sehorio, tratou logo de chamar a elle povoadores dos seus d'Entre-Douro e Minho; ali funda logares, que engrandece, e ás precisões desses povos sabe occorrer com alma benéfica. E aqui que o nosso illustre Varão vem descançar, quando os trabalhos da guerra o permitem, alentando então aquelles da agricultura, e dando exercicios á sua piedade.— Assim se passarão tempos; e veio o nascimento de D. Afonso Henriques. Seu pai o Conde D. Henrique, satisfazendo ás promessas, que tinha feito a D. Egas, lhe entregou o menino Infante para o crear e instruir; e emquanto Aio e educador de D. Afonso, o bom Egas, fez tambem muito recommendada a fama do seu nome. O desempenho de tão nobre missão excedeu muito as esperanças do Conde, quando pela amizade, provado zelo, e conhecida virtude de D. Egas, o tinha escolhido para mestre do filho. Não faltaram as lições de piedade, amor, e justiça, e todas quantas eram necessarias para fazer do Principe um grande homem, e um grande Rei; e se o estado

então de Portugal pedia um Rei não só justo e piedoso, mas como valor necessario para continuar nas encetadas conquistas contra os barbaros, com esse valor o soube D. Egas crear; e quem melhor que este para o instruir na boa cavallaria?—D. Afonso se creou, e viveo pois no centro da familia do seu Aio, amado como filho, e recebendo exemplos de virtude, que davam toda a força ás instruções do educador; lá mesmo nessas terras da comarca de Lamego, que faziam patrimonio de D. Egas, passou o Principe a adolescencia, e ali começou a ver o que valiam os esforços das armas.—Já não vivia o Conde D. Henrique, e já o Principe seu filho, armado Cavalleiro, e chegado á idade para os combates, se empenhava nelles com esforço admiravel, colhendo triunfos, que bem faziam conhecer o muito que delle se podia esperar; mas ao lado sempre o seu Aio e valido D. Egas, que o guiava, e cujo conselho ouvia.—Assim se iam chegando os dias d'Ourique. Mas muito antes disso se nos offerece uma passagem de D. Egas Moniz, de que fallam alguns historiadores, e entre estes o nosso chorado Castilho nos seus Quadros Historicos de Portugal; outros porém a negam, e nós, longe de affirmar, a vamos referir, sendo sim bem propria da constancia, e força de sentir do nosso Cavalleiro.—Fazem entrada em Portugal o Rei de Leão Afonso 7.º a auxiliar pertencções de sua Tia, a Rainha Juva D. Thereza, em resumir o governo do reino com o Conde de Transtamara, contra

o Principe D. Afonso Henriques seu filho, e que sendo por este vencido em batalha, que muito lhe custára, junto a Valdevez, e para fazer conhecer ao Principe Portugal, que lhe faltavam forças para ser independente da soberania de Leão, de novo entrara no reino por Galizá com um formidavel exercito, que escondidamente tinha levantado, e de subito veio cercar o Principe em Guimarães, sua córte, villa então ainda mal fortificada. O lance custoso era para os nossos, que não podiam contrastar com as grandes forças, que os rodeavam. O cerco durava, os mantimentos iam escaceando, e os animos dos poucos de dentro se abatiam; nada se poderia esperar sem um signal da providencia. Que fóra então n'este apuro que D. Egas (já velho a este tempo) entendendo impossivel a resistencia, só, e sem que o Principe o soubesse sahio da Villa, dirigindo-se ao campo dos contrarios em procura de El-Rei de Leão, e obtendo deste audiencia, lhe expoz, de maneira que bem fazia parecer não velleza d'animo, quanto poderia dissuadi-lo da continuação do cerco, e fazer-lo evitar uma guerra, que de funestas consequencias se lhe poderia tornar, guerra entre dous Principes catholicos, e ligados por estreito vinculo de parentesco. Que o Leonez a tudo atalhára não admitindo outra condigão que não fosse o pagar-lhe tributo D. Afonso de Portugal, e comparacer nas Cortes de Leão; condigão que D. Egas accetára, e cujo cumprimento promettera em nome do Principe, vendo

Os centenários são a evocação do passado em favor das tendências e das doutrinas dominantes em determinadas escolas ou classes sociais, n'estes dias de mercantilismo e grosseiro epicurismo que atravessamos.

Póde ser que haja um ou outro syndicato cujos fins não sejam a demonstração pratica, e palpavel de que o ouro é o deus deste seculo; assim como poderá fazer-se a comemoração historica de um vulto grandioso, d'um homem excepcional, cujas forças e brios providencias foram, empregados durante sua peregrinação na terra em bem fazer a humanidade, que fascinada e reconhecida por elles lhes queira dar em recompensa a immortalidade d'um nome glorioso.

Não contestamos a possibilidade do facto, cremos mesmo que se tenha verificado algum em taes condições, mas o que dizemos é que isto só por excepção é que tem tido logar, e a excepção confirma a regra geral.

O syndicato são os argentarios a dar leis e as cartas com lucros certos e avultados para elles, apparentando que só cuidam de realisar o bem do paiz, com que contractam obras de grande tomo, cujas vantagens exageram, armando ao effeito, e procurando levar-nos a par o nosso dinheiro e o nosso louvor.

O paiz tem sido e continúa a ser explorado pela esperteza dourada de bens de fortuna, que ahi vemos a fazer jogo com os poderes publicos, que domina, em proveito proprio, com descredito do principio da auctoridade, com louvores dos simplorios, e admiração e espanto dos entendidos.

O mesmo succede com os centenários. Não sabem todos como os socialistas e os republicanos conceberam, organisaram e dirigiram, ha pouco, a comemoração historica do tricentenario do maior poeta da peninsula, d'aquelle grande epico lusitano, cujo valor se alevanta mais alto do que o dos cantores das glorias gregas e romanas, bem como são muito maiores os heroes de sua lyra do que quantos immortalisou a poesia antiga do paganismo?

Camões serviu de pretexto a organizações e manifestações de forças republicanas n'este reino essencialmente monarchico.

O cantor das glorias portuguezas, cujo nome é uma honra e uma saudade para cada portuguez e uma inveja para cada estrangeiro, foi o orago d'uma grande festa nacional. Todos qui-eram tomar parte na procissão civica feita em sua honra, e saudar no soldado, no crente, e no grande poeta nacional, a futura regeneração de nossa patria pela volta do paiz á pratica das virtudes que adornaram os nossos antepassados, levantaram o reino e sua gente e lhe deram um poderio e um nome como nunca tiveram semelhante quaesquer outros reinos e povos do mundo.

Pois foi em proveito seu que o socialismo e o republicanismo portuguez, com o auxilio dos clubs, da imprensa, do prestigio do nome do poeta, organisou a funcção e foi elle que lucrou com ella.

Agora vae haver outro centenário. E' o do marquez de Pombal.

Está destinado o dia 8 de maio proximo para a comemoração historica d'este nome de sympathia para poucos e de contradicção para a maior parte de seus contemporaneos e das gerações seguintes.

Se o centenário de Camões foi obra dos republicanos, o centenário do marquez de Pombal é obra dos inimigos da religião e da igreja, de que elle foi um insigne e cruel perseguidor.

E' por este criterio que nós avaliamos a festa e é este o lado que ella hade mostrar bem aberto em seu devido tempo, ainda que não eram precisas mais indicações que as já dadas por seus promotores para affontamente se dizer que tudo aquillo é trabalho feito em odio ao catholicismo, e a suas instituições mais venerandas.

Para se saber o que aquillo é basta ver quem anda metido na festa e quem mais a louva e se interessa por ella, e attender ao ponto historico porque este homem notavel é sympathico a uma determinada classe de individuos da presente geração no nosso paiz.

Este centenário é um insulto ao culto estabelecido, á religião do paiz, uma nova forma de guerra a Jesus Christo, a sua igreja, e a seus ministros.

Os catholicos são a quasi totalidade do paiz, e a todos elles é offensiva a glorificação d'aquelle nome, que recorda injurias e injustiças e crimes graves e males profundos causados por elle á igreja de Deus em to-

dos os vastos dominios da antiga nação portugueza.

Não póde ser do agrado dos verdadeiros adoradores de Jesus Christo que se deem honras e glorias ao perseguidor da igreja que elle fundou á custa de seu sangue.

Não póde tomar parte na festa d'esse perseguidor, quem presar o nome de christão.

Póde e deve o crente pedir a Deus que perdoe a quem lhe fez mal; póde e deve orar pelos perseguidores e pelos calumniadores, mas nunca é licito festejal-os, louvalos, apresental-os como modelos dos homens, como typos de perfeição humana, porque um tal procedimento seria uma contradicção da sua fé com as suas obras, uma loucura, uma impiedade.

Aconselhamos aos fieis d'esta catholica cidade e lembramos ao clero d'ella e seu termo especialmente que cuilem em dar um publico testemunho de sua piedade, de sua adhesão e entranhado amor a Jesus Christo e a sua igreja na occasião em que tantos filhos desvaireados da esposa do Senhor, tantos impios e tautos homens maus, lhe promovem ruidosas manifestações de guerra, apresental-o-lhe de cara, glorificados pela sociedade, os nomes que mais afflicções lhe causaram, mais dores lhe fizeram curtir e mais fundos golpes abriram nas suas instituições mais caras, mais benemeritas e mais gloriosas.

Está perto de nós a Virgem Immaculada do Sameiro. Do monte nos virá a consolação, a paz e o remedio. E' a Virgem que hade acabar com mais esta here-ia. Vamos todos lá. Façamos uma peregrinação em desagravo a Jesus Christo, cuja igreja vê o escandalo da festa de seu perseguidor na capital do reino fidelissimo e talvez dentro dos muros da propria Roma portugueza.

Fujamos do meio da abominação e levemos a pureza de nossa fé e de nosso amor a Jesus Christo e a sua igreja ao alto do monte e junto d'Aquella que vela por nós ha 20 seculos, junto da Cruz de seu Filho e nosso Salvador, imploremos a clemencia divina para a conversão dos peccadores, para a extirpação das heresias, para a dilatação do reino de Deus, e para que abrandem, senão convem que acabem, tantas perseguições ao catholicismo.

Protestemos contra o escandalo, como bons filhos da santa igreja.

MOYSÉS

Direi de passagem duas palavras acerca dos tão celebrados obeliscos—monolithos de granito rocha de desmesurada grandeza que os egypcios collocavam defronte da fachada dos templos, a alguma distancia do pylono ou entrada principal. Tem a forma d'um prisma quadrangular que se vá estreitando para o vertice e que termine em pyramide, e são notaveis não só pela enormidade de peça (as dimensões do de Louqsor que actualmente ornamenta a praça da Concordia em Paris, são: 22,44 d'alto; 2,44 de largo na base do fuste e 1,75 na base da pyramide; e o seu pezo total 220 toneladas metricas) como principalmente, pela ornamentação nitida e magnificente das pomposas inscripções que os revestem e que celebram um rei, um personagem notavel ou um facto importante.

Mas de todas as artes que viu nascer o Egipto e de que existem magnificos especimens (moveis, joias, tecidos, utensilios, etc.) reproduzidos pela esculptura, nenhuma é tão celebre como a escriptura hieroglyphica de que a antiguidade nos não deu a chave e que Champollion começou a decifrar em 1822.

Alguns dos seus caracteres sagrados têm um valor puramente ideographico ou symbolico, isto é, representam os proprios objectos ou as idéas que elles suscitam; outros têm um valor phonetico, isto é, representam sons, letras. Julgou-se por muito tempo que esta escriptura era reservada sómente aos sacerdotes, que por este meio conservavam a posse dos conhecimentos adquiridos. Esta opinião, porém, está abandonada desde que se reconheceu o emprego d'esta escriptura tanto nos monumentos publicos como nos objectos pertencentes á vida domestica e privada. Além dos hieroglyphicos propriamente ditos, os egypcios faziam uso de uma escriptura cursiva, chamada *hieratica*, cujos caracteres são uma imitação mais ou menos aproximada das formas hieroglyphicas e d'outra mais abreviada ainda, chamada pelos gregos *demotica*, cuja decifração está muito atrazada.

Damos aqui por conhecido este resumo do estado social do Egipto no tempo a que nos reportamos, e, apesar de imperfeito, por ser apenas um esboço, d'elle se concluirá que esta nação merecia a reputação de sabedoria que nenhum povo lhe recusou e não admira que fosse a grande escola onde foram instruir-se os philosophos, os poetas e os legisladores do antigo mundo. Passemos agora a referir a biographia do eminente propheta do povo hebreu e os factos que com ella se prendem.

Nos meados do seculo decimo nono antes de Christo uma familia de origem semitica, costumada a vaguear á frente dos seus rebanhos pelos plainos e montes de Chanaan, veio, por uma serie de acontecimentos providenciaes, estabelecer-se no Egipto, onde um dos seus membros, pela sua virtude e sciencia, occupava então um logar elevado na corte do pharaó reinante.

O chefe d'esta familia chamava-se Jacob e tambem Israel, e seu filho José era o ministro do rei. Respeitada e rica, esta familia propagou-se prodigiosamente com a abundancia que lhe proporcionava a sua laboriosidade e a fertilidade do paiz que habitava. Os seus descendentes, porém, sempre com a esperanza de regressarem á patria, viviam como estrangeiros, guardando certos costumes que os distinguiam dos naturaes do paiz e conservando a pureza da sua crença em um Deus unico, infinito e não representado. Os antigos povos punham particular empenho em não perder a sua nacionalidade, se esta palavra moderna póde applicar-se ao que era antes um instincto de consanguinidade, um laço que unia as familias d'uma mesma tribu ou horda.

Decorreram annos. A familia de Jacob era já um povo. Extincta a dynastia a que José havia prestado tantos serviços e que podia premial-os, protegendo os seus compatriotas, novos reis foram chamados ao governo da nação.

Reconhecendo quanto a heterogeneidade de elementos politicos e religiosos é prejudicial a um estado, estes reis que nenhum genero de gratidão prendia aos hebreus (a) começaram a ser lhes hostis. A simplicidade dos seus costumes patriarchaes contrastava demasiado com a vida licenciosa da gente do paiz, estabelecida em grandes cidades e delicada a todas as artes da civilização; o desprezo que mostravam para com toda a fé religiosa que não fosse a sua, offendia a supersticiosa imaginação dos egypcios que os consideravam como gente impura a ponto de se julgarem manchados ou infamados se accitassem a sua meza ou recebessem a sua hospitalidade. Além de isto, o rapido crescimento d'aquella população inquietava-os, receosos de que algum dia viesse a prevalecer. Os hebreus pela sua parte, conhecendo que eram mal quistos e que a profunda separação que os estremava dos nacionaes jámais poderia desaparecer, deixariam voluntariamente o Egipto; porém o governo não o consentia, attendendo a que tirava d'elles pelo menos a quinta parte dos tributos. Pelo contrario, ordenou-lhes que abandonassem as fertes campinas de Gessen e que tomassem residencia fixa nas cidades. Ora a este povo nomada por natureza repugnou extremamente esta ordem, e, como tardasse em obedecer; o rei recorreu á força disseminando-o pelas principaes povoações do reino e sujeitando-o aos mais violentos trabalhos, como fundação de cidades, construção de muralhas, etc.

Por bastantes annos pesou sobre o povo de Deus esta feroz tyrannia, ainda aggravada pelo insulto e escarneo dos indigenas, talvez lembrados do dominio dos hyesos a quem votavam um odio de morte, e que como elles eram pastores. Porém, sem embargo de tão cruel violencia, a prole hebreu crescia e desenvolvia-se a olhos vistos, á similhança do fluxo do oceano ou como os renovos das arvores. Então o principe reinante, vendo que os meios empregados não davam resultado, appellou para o crime e decretou: «Que todos os re-

(a)—A razão porque os descendentes de Abrahão foram chamados hebreus, dizem Weber e Pereira, é porque os habitantes de Chanaan lhe chamaram *heber* que significa *estrangeiro vindo d'além*, por ter vindo d'além do Euphrates. Outros porém querem que o nome de hebreus provenha de Heber, filho de Arphaxad que ficou habitando no paiz de Senaar.

cemnascidos do sexo masculino fossem lançados ao Nilo.»

Era o cumulo da perseguição. Escusado é dizer que esta lei deshumana teve immediata execução. Todavia houve uma mãe que, arrostando a colera do despota e desprezando os atroses supplicios com que ameaçava a quantos lhe desobedeciam, não teve valor para ver morrer seu filho. Esta heroína foi Jocabel, esposa de Anoram, da tribu de Levi, varão muito respeitado entre os seus pela sua larga experiencia e excellentes dotes. Viviam em Memphis ou nos seus arredores em companhia de uma filha de doze para quatorze annos, chamada Maria e de um filho de menor idade, de nome Charão, que mais tarde foi summo pontífice de Israel. Proxima a ser mãe pela terceira vez quando o monarcha egypcio ordenou a morte dos meninos israelitas, a infeliz senhora tremia ao ver aproximar-se aquelle grande acto da natureza, que constitue o supremo sacerdocio imposto á mulher pelo Creator. Infinitas foram as precauções que tomou para occultar o seu estado, não sómente ás mulheres egypcias, mas tambem ás da sua nação, temendo que a animosidade n'umas e o terror n'outras, entregassem ao furor do pharaó o tenro ser das suas entranhas.

Augusto Semblano.

AO SAMEIRO!!!

Como a maçonaria portugueza designa o dia 8 de maio para festejar o centenário do marquez de Pombal—e não representando semelhante centenário mais do que um insulto á nossa religião, e um escarneo ás nossas crenças e ao clero sabio, illustrado e virtuoso; não podemos, e não devemos porisso ficar silenciosos diante d'um espectaculo tão vergonhoso, que bem mostra a decadencia do estado moral e religioso do nosso povo.

E' preciso, pois, que Braga, a fiel depositaria das crenças de nos-os maiores, e que ainda tem a gloria de conservar dentro de seu seio filhos que senão envergonhão do nome de christãos, levante, com o maior entusiasmo, o grito facinador:

Ao Sameiro, catholicos bracarenses!

Ao Sameiro, aos pés da SS. Virgem.

Ao Sameiro!: ahi protestemos deante da Mãe de Deus contra os insultos feitos á nossa religião—contra a perversidade do seculo: contra a desmoralisação dos costumes e contra a impunidade da imprensa impia e desbragada, que diariamente vae dessecando com o seu *veneno* a nossa pouca vitalidade no respeito para com Deus e no amor para com o proximo.

Unamo-nos; fechem-se as portas e caminhemos todos ao Sameiro. Será este o mais solemne protesto de um povo catholico.

Pedimos encarecidamente ás commissões dos Artistas, do Commercio, da Lapa, e outras que promovão n'aquelle dia uma peregrinação ao Sameiro, no que serão acompanhadas por toda a cidade. A'vante bracarenses! Nada de esmorecer, porque a Virgem SS.^a recompensará os vossos esforços, e a religião bem dirá de seus filhos.

Não precisamos de festejos, e só sim boa contrição, e caminhemos resando até ao cume do monte, e ali, aos pés da Rainha dos Ceus.—assistamos a uma missa cantada, sermão e ladainha.

Ávante, ávante, catholicos bracarenses—. Ao Sameiro, ao Sameiro no dia 8, e assim tereis a gloria de vingar os insultos e sarcamos arremçados pela maçonaria portugueza á fé e ás crenças do povo portuguez. A nossa religião é a Catholica Apostolica Romana.

Abençoada será a nossa idéa se for por diante. Assim o esperamos.

PASTORAL

D. Jose Pereira da Silva Barros por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de Olinda, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, etc.

(Continuado do n.º 8)

I

Não basta que o sacerdote viva na graça do Senhor, é necessario que se mostre como tal em todo o seu exterior, porque é a luz collocada como o pharol que deve guiar os viajores da vida presente.

O Concillio de Trento diz: Convem que os clerigos ordenem a sua vida e costu-

mes, de modo que em seu *vestuario* gostos, andar, praticas e em tudo o mais nada appareça que não mostre gravidade, moderação, e esteja cheio de religião, evitando ainda as culpas leves que n'elles seriam graves, para que as suas acções causem veneração a todos os homens.

Não foi o sacerdote elevado ao fastigio de tanta honra por causa das cousas do mundo, mas do céu, e para apresentar-se ante os povos como espelho das virtudes christãs, e por isso S. Gregorio escrevia: *Ad Deum apropinquare et alios adducere, cancti fieri postea sanctificare et alios lucem fieri et postea illuminare.*

Ah! Irmãos muito amados, nosso coração exprimentará grande amargura, agonia indescritivel, se entre vós houver um só que se tenha esquecido do grande compromisso contrahido nos momentos solemnes e decisivos da ordenação sacerdotal, quando o Pontífice vos avisou que *debeis ascender com temor a tão alta dignidade: cum magno quippe timore ad tantum gradum ascendendum est... Servate in moribus vestris, castae et sanctae vitae integritatem... Sit doctrina vestrae spiritualis medicina populo Dei sid odor vitae vestrae delectamentum Ecclesiae Christi.*

É incrível que o Padre viva no peccado e possa dormir assim tranquillo á sombra da morte, elle que foi collocado entre o povo para dar a salvação eterna aos fieis pela palavra e pelo exemplo: *ut predicatione atque exemplo adificetis...* (Pont. Rom.)

É incrível, como o Padre tem fé na presença real de Nosso Senhor Jesus Christo na Eucharistia, tem forças para subir ao altar e ali injuriar ao proprio Deus na maior publicidade, dando repetidos osculos mais fementidos que os de Judas ingrato e traidor.

O Sacerdote sabe que deve viver em graça para exercer dignamente o sagrado ministerio e não pôde desconhecer toda a maldade de sacrilegio, e por isso mesmo é desmedida a sua responsabilidade. Dos seculares poder-se-hia dizer: *sagittant in obscura*, mas dos padres deve-se dizer com S. Ambrosio: *Scienti legem et non facienti decum est grande.*

Que miseria ver os principes da casa do Rei Eterno, que se vestem de real purpura de fino ouro e pedrarias para assentar-se á mesa de celestias manjares, ao sahirem se revolverem logo no esterquilino do peccado!... Com muita razão exclamava S. Jeronymo: *grandes dignitas sacerdotum, sed grandis corum ruina si peccant.*

Nós exhortamos do fundo de nossa alma aos nossos queridos irmãos sacerdotes que se não esqueçam que são ministros de Deus para a salvação das almas. Os sacerdotes não receberam a missão evangelica para sua utilidade particular, mas para a dos christãos.

(Continúa.)

CORESPONDENCIA

Povoa de Lanhoso 13 d'Abril

(Do nosso correspondente)

Expondo na minha ultima correspondencia succintos commentarios, sobre o festim maçonico ao cruel algoz (marquez de Pombal, continuo hoje a pôr em relêvo as atrocidades e crimes commetidos por esse des-humano denominado Pombal.

Não era minha intenção escrever cousa alguma sobre semelhante facto; porém, a historia apresenta-nos Pombal como homem o mais feroz e barbaro que pôde ideiar-se; e porisso é mister, que os catholicos façam conhecer aos iniciadores de tal festa, que o centenario não é mais do que applaudir os actos despoticos praticados por esse verdugo, que foi o massacre de tantas familias innocentes.

A nossa historia tambem nos mostra Pombal como homem apto para a governação do estado (e sobre isto não tenho a ousadia de lhe negar o fino tacto que teve para a governação do paiz); porém a mesma historia, tambem nol-o apresenta como homem assassino e barbaro, como se pôde ver nas desgraçadas mortes da familia dos Tavoras e outras, executadas por mandado d'elle; como tyranno, porque tinha em mira acabar com a nobreza para depois ficar sendo o unico nobre n'este reino; como roubador, porque os seus instinctos eram mandar encarcerar os nobres e ricos para se apoderar de seus bens e riquezas; n'uma palavra, perpetrou tama-

nhos delictos que seriam necessarios dias e dias para fazer sciente aos olhos do publico desapaixionado as barbaries commetidas pelo primeiro ministro de D. José I.

É pois de urgencia que os catholicos d'este reino, levantem um brado de reprovação contra o centenario do violento marquez, para que d'oravante se não diga que religião dominante n'este fidelissimo reino é a maçonica.

Portugal ainda se jacta de ter por religião dominante a catholica, e porisso torna-se de grande precisão um protesto geral, assignado por todos que ainda nutrem alguns sentimentos de patriotismo e alguns visos de pundonor, para que o nosso infeliz reino não passe de hoje em diante a ter por religião do estado a maçonica.

O marquez de Pombal além de ser um ministro barbaro, reuniu ao seu talento de mação, o ser um grande perseguidor da Igreja e do clero, e por conseguinte um segundo Nero ou Diocleciano.

É tal a influencia que a maçonaria está exercendo em todas as classes da sociedade, mas mui particularmente nas que nos estão governando, ou antes desgovernando, que urge aos catholicos pôr fóra do peirola da governação esses homens mações e esfoladores do povo.

A historia ainda nos apresenta Pombal, como emprehendedor de muitos melhoramentos para o paiz, alguns dos quaes levou a cabo; mas, estes melhoramentos uteis ao reino e porisso dignos para o elogio do Marquez, não compensam os actos despoticos por elle executados; em virtude do que, escusam os centenaristas de fazer tão grande alarde sobre esta festa maçonica, porque os catholicos já se não deixam seduzir por vãs ameaças e tremendas pasquinadas.

R. F.

COMMUNICADOS

Snr. redactor.

Infelizmente, é pela politica que hoje se faz tudo.

O governo acaba de despachar para a freguezia de Villas boas um parcho de sua feição.

Se o Ex.^{mo} Snr. Arcebispo não valer aquella freguezia, pobre d'ella que lhe vae um lobo em logar d'um pastor.

O parcho deve edificar, e moralisar, e este vae destruir, escandalisar, e desgostar a maioria d'aquelle povo que é essencialmente religioso. Mas o governo actual tem n'elle um bom galopim para eleições, e é o essencial. Deus nos mude este estado de cousas, e nos dê um governo que atenda ao bem espirital, e temporal dos povos.

Pela inserção d'estas linhas, ficará muito obrigado, etc.

Snr. Redactor.

No dia 16 de janeiro do corrente anno, foi barbara e cruelmente espancado o Rev.^o Salvador Gonçalves de Barros, parcho na freguezia de Reigozo, por uma sucia de malvados, muito bem conhecidos, n'aquellas povoações; porém a justiça de Montalegre foi *incansavel* no descobrimento dos criminozos por que nem sequer requerem exame de sanidade na pessoa do ferido!

Mas, o mais interessante, é agora um celebre Furra (o agente do P.^o Julio commendado de Ruivães) que segundo é voz publica, não foi estranho ao crime, e talvez o seu principal motor, requerer contra o Rev.^o Salvador, auto crime pelo motivo ou fundamento de nada provarem as testemunhas dadas sobre a declaração do queixo contra os indigitados criminozos!!!

Isto é vorgonhozo e irrisorio, e só á justiça de Montalegre é que pode caber a gloria de possuir semelhante engenho e arte. Que barbaridade! É um parcho espancado a ponto de seguir para a outra vida, e como as testemunhas nada depõem sobre o facto, devido isto a suborno e a dinheiro, ha-de agora a victima ser punida pelo crime de suas testemunhas nada deporem sobre as declarações dadas em juizo?!

Que miseria! como se administra justiça! É melhor viver na Turquia. Demais, a legislação criminal nada d'isto auctoriza, porque não chegou a haver processo nem sentença que absolvesse ou condemnasse os indigitados criminozos, e por consequencia

não ha base para se proceder contra a victima espancada, salvo se tal processo é negocio de encomenda, como publicamente se diz. Acompanharemos de perto este monstro com nome de processo, para afinal apparecer á luz da publicidade com os mais escrupulosos commentarios, e faremos presente de um exemplar ao ex.^o snr. ministro da justiça, para admirar o seu magistrado. Hade ser interessante.

R. S.

NOTICIARIO

A peregrinação de Estarreja.— Na segunda feira 17 do corrente, pelas 11 horas da manhã, deve chegar a esta cidade, a maravilhosa e edificante peregrinação de Estarreja, que vem em romaria a Nossa Senhora do Sameiro.

Braga, honrar-se-ha de receber dentro de seus antigos muros aquelles seus irmãos, que, escudados pela fé e cheios do mais santo zelo religioso, querem compartilhar conosco, as difficuldades de subir á colina do Sameiro, para ahí receberem da Mãe de Deus, a sua santa benção.

Bem vindos sejam—e o seu recompensará tão grande sacrificio, aos filhos de Estarreja.

Antes assim; ao Sameiro visitar a Virgem da Conceição, a fonte de toda a sabedoria—do que festejar-se a podridão—o erro, a miseria—a degradação que deshonra e aviltra um povo, como fazem os maçaqueiros Pombalistas.

Na cama.— O nosso assiduo companheiro nas lides d'este jornal, o Snr. José Maria Pereira, cahiu hontem de cama, com uma pneumonia e acha-se bastante incommodado. Sentimos do coração os incommodos do nosso amigo e fazemos votos ao ceu pelo seu prompto restabelecimento.

A desmoralisação.— É á desmoralisação dos costumes que se deve hoje em dia os grandes males que affligem a sociedade.

Os crimes succedem-se uns aos outros, com a rapidez do relampago.

Nos suicidios não fallemos!... Todos gritam—contra semelhante estado de cousas, e querem-lhe dar remedio; mas não se lembram que o unico e eficaz—é o temor de Deus.

Os Jesuitas.—Recebemos este importante folheto, obra admiravel, e que vem reforçar cada vez mais os argumentos da verdadeira historia da Companhia de Jesus—hoje tão deturpada pelos trapalhões maçaqueiros.

Agradecemos.
Facadas a menos de real.—No dia 13 do corrente pelas 8 horas da noite, no lugar das Calymbas, freguezia de S. Victor, d'esta cidade, dous artistas—um conhecido pelo Buzena e outro de nome Vicente, ambos solteiros, e operarios, sendo este da fabrica do sr. Taxa, e a quelle da do sr. Cerqueira, (e que andavam em rixa, por causa do *befe*.) o Vicente deu 7 facadas no pobre Buzena, que foi logo conduzido para o hospital, aonde se acha em perigo de vida.

Mais.—Na freguezia de S. Pedro de Marlim tambem houve pancadaria, e tiros de revolver—ficando gravemente ferido Custodio Correia.

—Na freguezia de Lamaçães, f.i tambem ferido com uma navalhada o snr. José Antonio da Silva Graça, honrado artista d'esta cidade.

Mais ainda.—Na rua dos Granginhos, e na officina do snr. Constantino Motta, foi ferido gravemente com uma enxó, um official de carpinteiro por um rapaz, ferreiro, da rua da Cruz de Pedra.

—No hospital falleceu o desgraçado cantoneiro, que á tempos tinha levado com um machado nas costas pelo ex-regedor de Gualtar.

Accão nobre.—O sr. general Henrique José Alves, governador d'esta praça, que tem por costume dar, na semana santa, algumas esmolas a necessitados, por alma de sua mãe, ofertou, este anno, esmolas de 500 e 15000 reis, segundo as circumstancias informadas pelos respectivos parchos, a 52 pessoas das mais pobres e decrepitas d'esta cidade; prestando-se a completar este acto de caridade os srs. capitão Vivaldo, ajudante da praça, e alferes Passos, ajudante de campo, que, por devoção, foram pessoalmente entregar as ditas esmolas pelas casas das referidas pessoas.

São dignos de registrar-se actos d'esta natureza, que bastante nobilitam quem os pratica.
(Da S. da Fronteira.)

Arcebispo de Goa.—O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Goa saiu de Roma no dia 1 do corrente abril pelas 9 horas da noite, em direcção ao porto de Brindissi, onde embarcou para o Oriente. A estas horas deverá estar proximo do Egypto, senão já n'elle.
(Da Ordem).

Dados Estatísticos.—Actualmente, publicam-se na Europa 2:403 periodicos diarios, e 1:136 na America.

Das publicações que sahem apenas em alguns dias da semana, tem a Europa 3:226 e a America 171.

Em compensação, os americanos excedem-nos quanto ao numero de periodicos semanales, pois em quanto que, na Europa, se publicam 7:463, a cifra dos mesmos, na America, eleva-se a 9:495.

Prisioneiros de Abu-Amama.— Os dois ultimos prisioneiros hespanhoes que estavam em poder de Abu-Amama, Antonio Cruz e José Sanches, recobram em fim a liberdade, graças aos bons officios do caid de Ouchda.

Permaneceram, mais de seis mezes, em Eiguig, servindo, quatro nas columnas de Abu-Amam, occupados em colher esparto e lenha para as necessidades dos insurgentes.

Os dois captivos contam que os obrigavam a vestir o traje arabe, a concorrer ás orações e cerimoniaes religiosas dos seus amos e a trazer a cabeça rapada por maneira a ficar-lhes só, no concuro, uma pequena mecha de cabello. De resto foi assim que elles se apresentaram em Tlemcem ás auctoridades francezas, conduzidos pelo caid, que tem repatriado muitos outros.

Processo curioso.—A cidade de Marselha intentou um processo contra a imperatriz Eugenia.

Trata-se do palacio imperial, construido n'um terreno que fóra dado pela municipalidade a Napoleão III.

A cidade de Marselha reclama esse palacio.

A questão vae ser julgada em breve. Mr. Barne, senador, defenderá a cidade. A imperatriz Eugenia confiou a defeza ao conhecido advogado Aicard.

Desapparecimento de medalha de ouro.—Foi conferida ao major sr. Serpa Pinto a grande medalha de ouro da sociedade geographica italiana; e esta sociedade communicou-o á de Lisboa, annunciando-lhe que enviava a medalha pelo correio. Mas a medalha não chegou, e a direcção da sociedade de geographia reclamou já perante a direcção geral dos correios, a qual procederá sem duvida ás necessarias indagações para que a medalha de ouro appareça.

A sociedade aproveitou a occasião de reclamar pelo desapparecimento de muitos dos seus boletins, enviados para Moçambique e India.

Naufragos do vapor «Douro».—O snr. barão de Ibiapaba e alguns naufragos do vapor «Douro» resolveram apresentar o capitão do «Hidalgo» com um dos melhores chronometros, como testemunho de gratidão.

O mesmo titular obzequiou o agente da companhia, na Corunha, e varios companheiros de viagem, com um *lunch* magnifico, no qual se levantaram entusiasticos brindes.

Elevadores mechanicos.— Tracta-se de organizar em Lisboa uma companhia de para explorar em diferentes pontos do paiz os elevadores de plano inclinado, á similitude do que está funcionando no Bom Jesus. São organisadores d'essa companhia os srs. Antonio Ignacio da Fonseca, Raul Mensnier e Manoel Joaquim Gomes.

Parece que em Lisboa funcionará brevemente um d'esses elevadores, do Passio Publico para S. Pedro de Alcantara; e procede-se a estudos em outros pontos da cidade, para o mesmo fim.

Os srs. Antonio Ignacio da Fonseca e Raul Mensnier procuram no sabbado o sr. D. Fernando, a quem expozeram o seu proposito; que sua magestade applaudiu vivamente.

Vae proceder-se aos estudos para se estabelecer um elevador na Pena, em Cintra, o que seria de grande commodidade para todos os que visitam aquelle esplendido sitio.

Reliquias historicas.—Uma folha servia, o «Herlap», noticia que a espada e o diadema historicos dos reis da Servia se acham actualmente na Austria, e que Milano I acaba de pedir ao governo austriaco a restitução d'aquellas duas reliquias.

A espada é uma duriniana de formidaveis dimensões, tendo os copos de ferro e quasi sem ornatos.

ANNUNCIOS

Segunda praça por metade do seu valôr

No dia 23 do corrente mez de abril voltam á praça, a qual se tem de effectuar por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, todas as propriedades que no dia 9 do corrente não encontraram licitante, e vão agora por metade do seu valôr, propriedades estas penhoradas e louvadas na execução hypothecaria que Albano da Silva, d'esta cidade promove contra João Antonio d'Oliveira, e mulher, da freguezia de S. Martinho de Escariz, da comarca de Villa Verde a onde são situadas as mesmas propriedades, e na de Freiriz, e taes constam com seus onus nos annuncios publicados no jornal o «Amigo do Povo» nos n.ºs 521 e 522 dos dias 16 a 19 de Março do corrente anno. Quem nelas quizer lançar pôde comparecer no indicado dia hora e local. São também novamente citados pelo presente annuncio todos os credores certos e incertos e mais pessoas que se julgarem com direito ás referidas propriedades ficando scientes do incado dia de praça, para ali usarem querendo, do que a lei lhes concede.

Leva no lugar competente o sello de estampilha da taxa de 10 reis, inutilizado. Braga 11 d'April de 1882.

O Escrivão da execução
Antonio José Cunha Vianna.
Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
Adriano Carneiro de Sampaio.

Venda de caixas de azeite

Maria d'Ascenção, viuva de Feleciano vendeiro—moradora no Largo de S. Paulo, vende por barato preço tres caixas de lata de conter azeite, forradas a madeira, levando uma cerca de 6 almudes, e as outras, uns dous ou tres ditos cada uma. (29)

Os Jesuitas!!!

POR M. SCOTTON DE BASSANO.
Preço 60 reis
Na Livraria Catholica, Calçada do Carmo n.º 6, 1.º (Rocio)—LISBOA.

THEATRO DE S. GERALDO

Domingo 16 de Abril.
BENEFICIO
O muito applaudido drama em 4 actos.
A JUSTIÇA DE DEUS
A comedia em 1 acto
Graças a Deus que está posta a meza.
Preços da caza
Principia ás 8 horas e meia

LOTERIAS

EXTRACÇÃO A 19 DE ABRIL

Principia ás 11 e meia horas de manhã. De tarde estará patente o telegrama dos premios maiores; ha apenas um resto de bilhetes, meios decimos, oitavos, quartos e fracções de diferentes preços. Estão á venda na casa de Cambio e Loterias na Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Encontra-se neste estabelecimento um bom sortido de Bilhetes de Loteria, para todos os sorteios.

Agente de Antonio Ignacio da Fonseca e de João Candido da Silva; n'esta cidade, IGNACIO TORRES, Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Faz sciente que vendeu no seu feliz estabelecimento, da lotaria de Lisboa, que se extrahiú no dia 11 do corrente, em quartos, oitavos e cautellas de todos os preços, parte dos seguintes premios:

4289 com 200\$000 reis, 1444 com reis 100\$000, 2410 com 100\$000 reis, 1570 com 100\$000 reis, 3522 com 100\$000 reis.

Arrematação

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga e cartorio do escrivão infra, no dia desasseis do corrente mez d'April, por dez horas da manhã, á porta do tribunal da justiça, sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, tem de voltar á praça por ametade do seu valor, visto que na primeira praça do dia dous do corrente mez, não houve lançador os predios, que taes são: Uma morada de casas sobradadas com seu quintal e mais pertencas designada pelo numero 14 e 14-A, que foi avaliada no liquido valor de reis, 400\$000 e ora voltam á praça por ametade do dito valor, na quantia de 200\$000 reis: outra morada de casas terreas com seu quintal designada pelo numero 15 que foi avaliada no liquido valor de 200\$000 reis, e ora volta á praça por ametade do seu valor, na quantia de 100\$000 reis: outra morada de casas terreas com seu quintal, designada pelo numero 16, que se acha avaliada no liquido valor de 300\$000 reis, e ora volta á praça por ametade do dito valor, na quantia de 150\$000 reis: todos os referidos predios são situados na rua nova Santa Cruz freguezia de S. Victor, d'esta cidade: Uma morada de casas sobradadas de dous andares com seu quintal e poço e mais pertencas, designada pelo numero 65 A 65-B, sita na rua de D. Pedro V. da dita freguezia de S. Victor, que se acha avaliada no liquido valor de 1:400\$000 reis, e ora volta á praça por a metade do seu valor, na quantia de 700\$000: dez moradas de casas, sendo quatro torres e seis terreas, designadas pelos numeros 33 a 42 tudo inclusivel, com seus respectivos quintaes, poços e campo junto, tudo situado na rua da Ponte, freguezia de S. Lazaro d'esta cidade, que tudo se acha avaliado, abatida a reserva do uso fructo da casa designada pelo numero 33, que pertence a Francisca Thereza, no liquido valor de 2:868\$820 reis, e ora voltam á praça por a metade do seu valor de reis 1:429\$410; sendo que os ditos predios são de praso, sendo estes foreiros ao cabido Primaz, e aquelles á Mitra Primaz, não se abatendo na louvação os respectivos fóros, por não terem os louvados quem os elucidasse; cujos predios foram penhorados a Jeronymo Lopes de Castro e Souza ausente em parte incerta no imperio do Brazil, e mulher Anna Luiza de Gouvêa Pimentel de Menezes, d'esta cidade, em execução movida pelo Bacharel Antonio Roberto d'Araujo Queiroz, d'esta mesma cidade; e por este annuncio são citados credores incertos, para comparecerem no acto da praça, querendo, e dedusirem seus direitos.

Braga 2 d'April de 1882.
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Adriano Carneiro de Sampaio.

Arrematação

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 1.º officio do mesmo Juizo—Freitas—se faz publico que no dia 23 de Abril proximo futuro d'este corrente anno por 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta dita cidade de Braga, terá lugar a arrematação de um fóro de 161,190 mil. de pão meado, que o exequente José Ferreira, da fre-

guezia de Beiral, comarca de Ponte do Lima, penhorou aos executados José Cardozo de Carvalho e sua filha, menor pubre, da dita comarca aos quaes é obrigado a pagar a Assenço de Sequeira Freire da cidade de Lisboa, e vae á praça no valor de 98\$920 reis. Pelo presente são citados todos os credores incertos dos ditos executados para dedusirem seus direitos no acto da praça, querendo, pena de revelia. Leva um sello de estampilha do valor de 10 reis. Braga 27 de Março de 1882.

O Escrivão
José Firmino da Costa Freitas.
Verifiquei a exactidão,
Adriano Carneiro de Sampaio.

(28)

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9
BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

COLLEGIO SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473
PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bõa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante. Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educução e de se informarem a respeito d'ella.

O Director,
José de Ramos Soares Baltar.

(16)

PHOTOGRAPHIA ARTISTICO-ALLEMÃ DE **Jacques Wunderli**
Rua da Boa-Vista N.º 43
BRAGA
Todos os trabalhos concernentes á sua arte em todos os dias, e com todo o tempo. Trabalhos garantidos e preços commodos. N. B.—Vae tirar retratos ou vistas em casa dos particulares, mediante ajuste vantajoso para os mesmos.

AS ARTES PORTUGUEZAS NO SECULO IX

ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS
VENDE-SE POR 100 reis EM

Braga:—Tygraphia Lusitana—Rua Nova de Sousa n.º 4.
Livraria Popular—Antonio Telles de Menezes—Rua de S. Marcos n.º 2.
Coimbra:—Typographia da Ordem—Rua do Norte n.º 6.
Livraria Academia—de J. Melchades.
Guimarães:—Livraria Editora—de Teixeira de Freitas.

Lisboa:—Livraria—de Joaquim Antonio Pacheco—Praça de D. Pedro.
Porto:—Livraria Portugueza e Religiosa—de Braga & C.—Clerigos 96 e 98.
Livraria Religiosa e Scientifica—de J. Mesquita Pimentel—Rua de D. Pedro n.º 53.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellentes quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata-se na redacção d'este jornal.

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416\$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, pôde dirigir á meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca á constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario,
Gabriel Angelico de Carvalho.

MOURA

BRAGA
RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.º 1—1.º andar.